

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>A EVOLUÇÃO ECONÔMICA E POLÍTICA DA CHINA NO PERÍODO MAOÍSTA (1949–1978)</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Miguel Henriques de Carvalho	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Pesquisador
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>O presente artigo é dedicado ao exame introdutório da evolução política e econômica da China durante o Período Maoísta (1949-1978), pretendendo-se realizar um breve balanço das transformações que ocorreram no país ao longo destas três décadas à luz da dos determinantes internos e externos deste processo. É enfatizado ao longo do trabalho o impasse existente no seio do Partido Comunista Chinês entre, de um lado, a busca pelo rápido desenvolvimento das forças produtivas, e, de outro, o anseio para que se formasse no país de uma sociedade igualitária, assentada sobre relações de produções distintas daquelas existentes nos países capitalistas.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
China, Período Maoísta, Revolução Cultural			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>This article is dedicated to introductory examination of political and economic developments in China during the Maoist period (1949-1978), intending to carry out a brief overview of the changes that occurred in the country over these three decades in the light of the internal and external determinants of this process. It is emphasized throughout the work the deadlock in the Chinese Communist Party from within, on the one hand, the search for the rapid development of productive forces, and on the other, the longing towards the formation in the country of an egalitarian society, seated on different relations of productions from those existing in capitalist countries.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
China, Maoist Period, Cultural Revolution			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo, insurreições e revoluções: teoria e história			

# A EVOLUÇÃO ECONÔMICA E POLÍTICA DA CHINA NO PERÍODO MAOÍSTA (1949–1978)<sup>1</sup>

Miguel Henriques de Carvalho<sup>2</sup>

## 1. Introdução

Entre a derrota chinesa para os ingleses na Primeira Guerra do Ópio, em 1842, e o advento da Revolução Chinesa, em 1949, a China esteve envolvida em seguidos conflitos internos e externos de grandes proporções, que redundaram em elevadas perdas humanas e materiais e significativa instabilidade política no país. Segundo a tradição local, este intervalo é conhecido como o “Século da Humilhação”, período que representou o eclipse da milenar civilização chinesa frente ao poderio econômico e militar dos países industrializados, os quais, inclusive, dominaram, em diferentes momentos, porções significativas do território chinês. Desde a década de 1930, a condição de rival mais importante da China coube ao Japão, país que alcançou rápido desenvolvimento econômico dentro da Ásia, tornando-se a mais importante potência econômica e militar deste continente antes do final do século XIX.

Após mais de um século de embates internos e invasões estrangeiras, o triunfo dos comunistas em outubro de 1949, por ocasião da Revolução Chinesa, encerrou o governo republicano no país conduzido pelo Partido Nacionalista Chinês (Kuomintang) – que se refugiou na ilha de Taiwan, dando continuidade à República da China. Em contrapartida, no continente, sob o comando do Partido Comunista Chinês (PCC), tinha início a RPC (RPC). Acenava-se não apenas com a possibilidade de mudanças sociais profundas no país na direção de uma sociedade igualitária, mas, também, com o compromisso em enfrentar os desafios relacionados ao desenvolvimento da sua base material, nitidamente atrasada em relação às nações industrializadas, e a preservação da integridade territorial do país após quase um século de invasões estrangeiras.

O chamado Período Maoísta (1949-1978), demarca as três primeiras décadas da RPC, em que Mao Tsé-tung, será a principal liderança política do país até a sua morte, em setembro de 1946. Uma vez que até a ascensão de Deng Xiaoping, em dezembro de 1978, o PCC, sob o comando de Hua Guofeng, manteve, essencialmente, as mesmas diretrizes do período anterior, optou-se por incluir este breve intervalo como parte do Período Maoísta.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é uma versão modificada do primeiro capítulo da dissertação de mestrado do autor intitulada “A Economia Política do Sistema Financeiro Chinês (1978-2008)”, defendida em fevereiro de 2013 no Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ, sob a orientação do Professor Dr. Emani Teixeira Torres Filho. O autor agradece a Eduardo Costa Pinto, Kaio Mascarenhas Pimentel e Adalberto Oliveira Silva pelas proveitosas discussões acerca do tema deste artigo, a Maria Luíza de Carvalho pela cuidadosa revisão ortográfica do texto e ao CNPq pela bolsa concedida durante o período da pesquisa. Os erros e insuficiências remanescentes são de responsabilidade exclusiva do autor.

<sup>2</sup> Economista pela UNICAMP, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ e pesquisador do Grupo de Economia Política da mesma instituição.

A tensão entre, de um lado, a busca pelo rápido desenvolvimento das forças produtivas e, de outro, a formação de uma sociedade igualitária, edificada sobre relações de produção mais horizontais que aquelas existentes nas economias capitalistas,<sup>3</sup> permeou os principais debates do PCC nestes anos. Esta clivagem no interior do partido é o fio condutor da análise proposta no presente artigo, que é dedicado a recuperar, em linhas gerais, a evolução política e econômica da China durante o Período Maoísta.

Além desta introdução, o presente trabalho está dividido em outras três seções. A seção 2 é dedicada à reconstituição da evolução econômica e política da China ao longo do Período Maoísta por meio de uma sucinta narrativa dos acontecimentos, sendo destacadas as inflexões essenciais que se sucederam ao longo deste período. Na seção 3, são examinadas as transformações estruturais que ocorreram na economia chinesa durante o Período Maoísta. Por fim, na seção 4, são tecidas as considerações finais.

## **2. Evolução Econômica e Política do Período Maoísta (1949-1978)**

Simplificadamente, o Período Maoísta pode ser seccionado em seis subperíodos, a saber: i) Consolidação da RPC (1949-1952); ii) 1º Plano Quinquenal (1952-1957); iii) Grande Salto Adiante (1958-1960); iv) Recuperação Econômica (1961-1965); v) Revolução Cultural (1966-1976); vi) Sucessão Política de Mao Tsé-tung (1976-1978).

Mais importante do que definir rigidamente uma periodização, a subdivisão acima permite sublinhar as sucessivas inflexões no curso dos acontecimentos da RPC em suas três primeiras décadas. Para os propósitos do presente artigo, serão enfatizados os aspectos avaliados como essenciais desta trajetória, cujos efeitos terão importantes desdobramentos a partir de 1978 para o país, quando Deng Xiaoping assume a posição de principal liderança do PCC, alterando decisivamente a rota da China, tanto do ponto de vista interno quanto externo.

### **2.1 Consolidação da República Popular da China (1949-1952)**

Após a conquista do poder em outubro de 1949, as atenções do PCC voltaram-se para os objetivos econômicos imediatos, quais sejam, debelar a elevada inflação que acometia o país desde o final da Segunda Guerra Mundial e recuperar o setor produtivo, devastado após décadas de conflito. Até 1952, enquanto a inflação era controlada, as produções agrícola e industrial atingiram níveis superiores aos alcançados no período pré-revolucionário, ampliando a legitimidade popular

---

<sup>3</sup> As relações de produção podem ser definidas como as “relações econômicas entre agentes sociais e entre agentes sociais e meios de produção, ou ainda, como relações sociais mediadas pelos meios de produção”. (REZZAGHI, p. 2, 2009).

do novo regime.<sup>4</sup>

No campo, a reforma agrária que já havia ocorrido nas áreas sob o controle comunista no período anterior a Revolução Chinesa, estendeu-se por todo o país. Generalizava-se na China a desapropriação das terras da aristocracia fundiária, as quais eram redistribuídas entre os camponeses – processo marcado por novos conflitos –, ao mesmo tempo em que eram concedidos alguns direitos sociais básicos que já haviam sido implementados em outras partes sob o domínio dos comunistas, como a expansão do ensino primário e da saúde básica, a lei do divórcio, além da proibição do ópio.<sup>5</sup> Nas cidades, as empresas estrangeiras foram nacionalizadas e teve início a expropriação das empresas privadas.

Paralelamente, eram levados a cabo os movimentos de reeducação, cujo objetivo era difundir os novos valores que deveriam vigorar no regime recém-instaurado em oposição à antiga ordem. Tratava-se, na verdade, de campanhas voltadas especialmente aos opositores remanescentes ao novo regime, sendo recorrentes as iniciativas nesta direção ao longo do Período Maoísta. Em 1952, foi realizada a Campanha dos Três-antis (contra a corrupção, o desperdício e a burocracia) dirigida aos funcionários do governo, da indústria e do PCC, seguida pela Campanha dos Cinco-antis (suborno, evasão fiscal, roubo de bens públicos, fraudes e divulgação de segredos de Estado) destinada aos capitalistas (industriais, mercadores, banqueiros) que ainda restavam no país. Estas duas campanhas de reeducação seriam a pedra de toque para a substituição de empresários e altos funcionários ligados à antiga ordem por outros alinhados às diretrizes do PCC, assegurando ao governo comunista o controle total sobre a atividade econômica doméstica.<sup>6</sup>

Nos quadros da Guerra Fria, a União Soviética constituiu-se, inicialmente, no principal aliado internacional da China, apoio que seria determinante para o exitoso desempenho do país na primeira década do regime socialista. Por sua vez, Taiwan, herdeira do governo do Kuomintang, seria apoiada pelos Estados Unidos, inclusive ocupando o acento de segurança da ONU destinada à China.

Em outubro de 1950, a eclosão da Guerra da Coreia (1950-1953) contou com a participação soviética e chinesa, ratificando o alinhamento entre os dois países, que atuaram em conjunto ao lado das forças comunistas coreanas, assentadas ao norte da Coreia, no conflito contra os coreanos do sul, apoiados pelos Estados Unidos. A China enviou 2,3 milhões de soldados e recursos militares, desgastando-se sobremaneira neste conflito.<sup>7</sup> Após o armistício, em julho de 1953, que

---

<sup>4</sup> NAUGHTON, 2007 p. 65.

<sup>5</sup> FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, pp. 319-325.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Idem, p. 322.

resultou na divisão da Coreia,<sup>8</sup> a China assegurou suas fronteiras e consolidou sua posição de aliada da União Soviética no tabuleiro geopolítico internacional.

Estava claro para as autoridades chinesas que o país deveria buscar como uma das prioridades desenvolver-se rapidamente no campo militar, o que pressupunha o avanço da indústria nacional. A China deveria tornar-se capaz de enfrentar possíveis ameaças externas à sua integridade territorial, em um cenário internacional crescentemente instável, marcado pela bipolaridade entre Estados Unidos e União Soviética.

## **2.2 1º Plano Quinquenal (1952-1957)**

Estabilizado o novo regime, entre 1953 e 1957, a condução da economia chinesa foi feita sob a égide do 1º Plano Quinquenal, inspirado na experiência de industrialização soviética. A União Soviética apoiou a China nestes anos de diferentes formas, recebendo chineses para treinamento, enviando técnicos soviéticos ao país, além de conceder empréstimos necessários à aquisição de insumos e máquinas, importados da própria União Soviética. Ao longo desses cinco anos, aproveitando-se da base industrial legada pela ocupação japonesa na região da Manchúria, a China incorporou novos segmentos produtivos, expandindo rapidamente a produção de carvão, ferro, aço, petróleo e derivados, o que resultou na acelerada expansão da renda nacional neste período.<sup>9</sup> Tal como na União Soviética, o modelo econômico implantado na China priorizava a industrialização pesada, essencial tanto para o setor bélico como para a infraestrutura.<sup>10</sup>

Por sua vez, do ponto de vista da organização das unidades produtivas, expandiu-se o controle estatal e coletivo em detrimento da propriedade particular. Até 1956 haviam sido extintas no país, praticamente, todas as empresas privadas.<sup>11</sup> Na agricultura, o 1º Plano Quinquenal representou o avanço da coletivização do campo em substituição à pequena propriedade familiar. Em 1954, apenas 2% das famílias camponesas trabalhavam em cooperativas ou fazendas coletivas; em 1955 eram 14%, e, em 1956, 98%.<sup>12</sup> A generalização das empresas estatais na indústria e a coletivização do campo na agricultura são as bases sobre as quais a economia planejada chinesa se assentou a partir de 1956, ambas funcionando com preços e cotas de produção definidos pelo governo. Desta forma, a propriedade privada e a anarquia da produção mercantil deram lugar à propriedade estatal e coletiva e ao planejamento centralizado da produção.

---

<sup>8</sup> Por ocasião do término da Guerra da Coreia, ficou estabelecida a divisão da Coreia, no paralelo 38º ao norte da Linha do Equador, entre a República da Coreia (Coreia do Sul), capitalista, e a República Democrática da Coreia (Coreia do Norte), socialista.

<sup>9</sup> Segundo FAIRBANK e GOLDMAN (2006, p. 331), entre 1953 e 1957, a China cresceu a uma taxa anual média de 8,9% a.a..

<sup>10</sup> Sobre a priorização da indústria em detrimento da agricultura ao longo do Período Maoísta, ver MORAIS (2011, pp. 38-48).

<sup>11</sup> NAUGHTON, 2007, p. 67.

<sup>12</sup> Ibidem.

Entre 1956 e 1957, sob o lema “Deixe cem flores florescerem juntas, deixe cem escolas de pensamento competirem”, ocorreu na China o Movimento das Cem Flores, que propunha estimular o debate no interior da classe letrada sobre as transformações que estavam ocorrendo no país desde o advento da RPC, em 1949.<sup>13</sup> Em seu momento inicial, esta campanha surtiu pouco efeito, não contando com uma adesão representativa da intelectualidade chinesa. Porém, no momento em que sua participação aumentou e as críticas ao regime se avolumaram, o governo encerrou os debates, iniciando um período de depurações dentro e fora do PCC, culminando na Campanha Anti-direitista, em 1957, mais uma campanha destinada a combater dissidentes políticos no país.<sup>14</sup>

### **2.3 Grande Salto Adiante (1958-1960)**

Sob a liderança de Mao, o governo chinês lançou, em 1958, o ambicioso programa denominado Grande Salto Adiante (1958-1960), em substituição ao 2º Plano Quinquenal – elaborado em 1956 –, e nunca posto em prática. Apelando ao voluntarismo patriótico, o PCC conclamava os trabalhadores chineses a “andarem sobre as duas pernas” para que a China fosse capaz de “ultrapassar a Inglaterra em 15 anos”, por meio do aumento concomitante das produções agrícola e industrial.<sup>15</sup> O Grande Salto Adiante compreendeu um esforço que pretendia promover a um só tempo três objetivos distintos: i) a radicalização da ordem social socialista em favor de relações de produção mais igualitárias; ii) o desenvolvimento das forças produtivas; e iii) a descentralização da atividade econômica em direção ao interior do país.

Assim, em 1958, 750 mil cooperativas agrícolas foram reorganizadas em 23 mil comunas, compreendendo em torno de 90% da população rural chinesa. O tamanho de cada comuna variava de 5 a 100 mil pessoas.<sup>16</sup> As comunas correspondiam a unidades produtivas com alto grau de autonomia administrativa, em consonância com as diretrizes definidas pelos órgãos centrais de planejamento, e eram praticamente autossuficientes economicamente, sendo responsáveis pela produção agrícola para consumo próprio e entregando o excedente ao Estado, parte de sua produção industrial, além de assegurar educação e saúde para todos os seus residentes.<sup>17</sup> Desta forma, propunha-se no interior das comunas uma autêntica experiência socialista pautada na vida coletiva e em relações de produção mais equânimes, de forma a tornar possível a aproximação do trabalho intelectual com o manual, da gestão com a produção direta e da agricultura com a indústria, de sorte a possibilitar uma sociabilidade distinta daquela vigente na ordem capitalista. Do ponto de

---

<sup>13</sup> FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, pp. 236-237.

<sup>14</sup> Segundo Naughton (2007, p. 69), cerca de 800 mil intelectuais foram afastados de seus empregos e enviados para campos de trabalho forçado.

<sup>15</sup> BERGERE, 1980, p. 43.

<sup>16</sup> Idem, pp. 38-39

<sup>17</sup> A própria educação deveria estar adaptada às exigências do tipo de sociedade socialista que se pretendia construir. Sobre o papel da educação no período maoísta, ver, por exemplo, REZZAGHI (2009).

vista da organização da estrutura produtiva, a comuna foi uma das principais diferenças entre a experiência socialista chinesa em comparação com a União Soviética, cuja divisão entre o campo e a cidade era mais acentuada.<sup>18</sup>

Complementarmente, as comunas respondiam a motivações de natureza militar, pois compreendia-se que a descentralização produtiva tornava o país menos vulnerável a eventuais ataques externos.<sup>19</sup> Observa-se, desde logo, que as ações do PCC estavam condicionadas pelo cálculo estratégico-militar, como se verifica na ênfase à indústria pesada e na pulverização da produção pelo interior do país por meio das comunas.

A partir do segundo semestre de 1958, as comunas foram difundidas por toda a China, marcando o início ao Grande Salto Adiante. Ao término deste ano, os resultados positivos da agricultura encorajaram as autoridades chinesas a elevarem as metas de produção para o período seguinte. Contudo, pouco tempo depois, os resultados se mostrariam muito aquém do esperado. A reorganização do campo chinês em torno das comunas e as metas industriais estabelecidas pelas autoridades centrais resultaram no desvio de parte da força de trabalho empregada na agricultura para outras atividades, quer em obras de irrigação e abertura de estradas, quer na produção industrial rural, notadamente na produção de aço realizada em pequenas siderúrgicas locais, os fornos de quintal – símbolos do período –, o que elevou a produção de aço no interior do país, a despeito da baixa qualidade da produção.<sup>20</sup>

Observa-se, contudo, que, numa economia planificada são as restrições pelo lado da oferta agregada que condicionam o ritmo de crescimento do país, na medida em que o governo dispõe de meios para mobilizar toda a capacidade produtiva e força de trabalho disponíveis. Desta forma, verificou-se que a aceleração do crescimento industrial e da construção civil alcançada nos primeiros anos do Grande Salto Adiante foi realizada às expensas da agricultura, reduzindo drasticamente a produção de alimentos no país.<sup>21</sup> Além do deslocamento da força de trabalho da agricultura para outras atividades, a incidência de desastres naturais, como inundações, contribuiu para o mau desempenho da agricultura neste período.

Em julho 1959, foi realizada a Conferência de Lushan, que reuniu a cúpula do PCC para avaliar os resultados parciais do Grande Salto Adiante. O então ministro da Defesa,<sup>22</sup> Peng Dehau, destacado militar por seu papel relevante ao longo do processo revolucionário bem como na Guerra da Coreia, apontou exageros do plano, chamando atenção para os sinais da exaustão da

---

<sup>18</sup> A respeito das comunas, ver, por exemplo, MORAIS (2011 pp. 38-48).

<sup>19</sup> Idem, p. 34.

<sup>20</sup> BÉRGERE, 1980, p. 47.

<sup>21</sup> MEDEIROS, 1999, pp. 283-286.

<sup>22</sup> O ministro de Defesa corresponde ao segundo cargo militar mais importante na RPC, sendo o primeiro a presidência da Comissão Militar, exercida, àquela altura, pelo próprio Mao.

força de trabalho rural e para a carestia de alimentos em diversas partes do país. Acusado de direitista por Mao, Peng foi afastado das forças armadas, sendo substituído por Lin Biao, mais próximo à visão do principal líder chinês, sendo mantidas em Lushan as diretivas centrais do Grande Salto.<sup>23</sup>

A Conferência de Lushan marca uma inflexão decisiva no interior do PCC. Até aquele momento, não haviam aflorado divergências fundamentais na elite do PCC, formada por revolucionários que haviam se notabilizado desde os tempos da Longa Marcha na década de 1930. Contudo, a partir desta conferência, conforme se verificava a piora dos resultados agrícolas, acentuava-se a clivagem entre as lideranças do PCC, o que levou, posteriormente, ao abandono do plano em face do que se mostraria uma tragédia de proporções gigantescas.

Crescendo continuamente desde o início da década de 1950 ao mesmo ritmo do crescimento populacional, a produção de alimentos atingiu em 1958 seu volume máximo, declinando substancialmente nos dois anos seguintes. Em relação a 1958, a produção de grãos caiu 15%, em 1959, e 28,5% no ano seguinte.<sup>24</sup> Até o início de 1961, quando o Grande Salto Adiante foi oficialmente abandonado, os dados oficiais apontam para 20 milhões de mortes relacionadas à falta de alimentos no país, enquanto Naughton (2006 p. 72), por exemplo, relata algo entre 25 e 30 milhões, de qualquer maneira a maior epidemia de fome registrada da história da humanidade.<sup>25</sup> Esta queda drástica na oferta de alimentos relaciona-se, sobretudo, a escassez de força trabalho para, a um só tempo, acelerar no montante exigido as produções agrícola e industrial, além da ocorrência de fenômenos climáticos adversos, em um externo contexto crescente isolamento internacional. Este acontecimento terá, pelos anos seguintes, repercussões importantes no interior do PCC, sepultando crescentemente o consenso em torno da liderança de Mao acerca de quais rumos a China deveria seguir.

Paralelamente, data desta época o início do Cisma Sino-Soviético, com consequências profundas para o futuro da China e para a geopolítica da Guerra Fria. A relação entre União Soviética e China vinha se deteriorando, especialmente, a partir da morte de Stálin, em 1953. Em seguida, em 1956, o início da abertura dos arquivos do período de Stálin e revisionismo crítico iniciado pelo então secretário do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Khrushchov, também tiveram impacto negativo na China, na medida em que, indiretamente, questionava a própria forma de condução de Mao à frente do PCC.

Desde seu anúncio, em 1958, o Grande Salto Adiante, foi muito criticado publicamente

---

<sup>23</sup> FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, pp. 3426-344.

<sup>24</sup> MORAIS, 2011, p. 30.

<sup>25</sup> As mortes relacionam-se, especialmente, à desnutrição causada pelo racionamento de alimentos.



pelo líder soviético, que atendeu aos chamados para auxiliar esta iniciativa.<sup>26</sup> Por sua vez, a China posicionara-se de forma contrária ao patrulhamento exercido pela União Soviética sobre os demais países socialistas, afirmando sua independência política em relação a Moscou. A Crise do Estreito de Taiwan, ocorrida também em 1958, acrescentaria mais um ponto de discordância entre os dois países, quando a União Soviética não apoiou a China em possível conflito com Taiwan, a fim evitar o acirramento político com os Estados Unidos.<sup>27</sup> A estas desavenças, soma-se a recusa dos soviéticos em cederem aos chineses a tecnologia da bomba atômica.<sup>28</sup>

Em 1960, a União Soviética decidiu unilateralmente retirar seus técnicos da China, interrompendo uma série de projetos em andamento no país. Em 1962, o encaminhamento dado por Khrushchov por ocasião da “Crise dos Mísseis” seria duramente criticado por Mao, que acusaria a União Soviética de revisionista e de ter capitulado diante dos interesses imperialistas, pois, para ele, aderir à estratégia de “passagem pacífica para o socialismo”, significava, na prática, o abandono do “internacionalismo proletário”.<sup>29</sup>

Como observa Bèrgere (1980, p. 43) em última análise, as divergências entre a União Soviética e a China relacionam-se “a uma tomada de consciência progressiva das realidades e das ambições nacionais” de cada um, tornando-se gradativamente secundário o compromisso com a expansão internacional do socialismo dentro das estratégias nacionais de ambos. Finalmente, em 1964, foram oficialmente rompidas as relações diplomáticas entre China e União Soviética, a qual se seguiu uma disputa territorial na fronteira entre os dois países que se tornaria, pouco a pouco, sensivelmente belicosa nos anos seguintes.<sup>30</sup>

Neste período, a China foi acometida por outros conflitos severos em suas fronteiras. Em 1959, o país enfrentou um levante separatista no Tibete logo derrotado, o que ocasionou a fuga de cerca de 100 mil tibetanos, que migraram para a Índia. Em 1962, a China e a Índia entraram em uma curta guerra devido a uma disputa territorial na fronteira entre os dois países, na qual a China saiu-se vitoriosa. Como corolário destas disputas, ao longo da década de 1960, a China tornar-se-ia um país isolado nos marcos da Guerra Fria, cercado regionalmente por potenciais inimigos e bloqueada internacionalmente pelas duas principais potências mundiais – Estados Unidos e União Soviética – e seus aliados diretos.

## **2.4 Recuperação Econômica (1961-1965)**

Enquanto, externamente, a China encontrava-se cada vez mais encerrada em si própria, in-

---

<sup>26</sup> FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 349.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> NAVES, 2005, pp. 63-64.

<sup>30</sup> A fronteira entre a China e a União Soviética estendia-se por 6,4 mil quilômetros.

ternamente adotava uma série de medidas com o objetivo de recuperar sua economia após o colapso provocado pelo Grande Salto Adiante. Assim, foram adotadas iniciativas que reintroduziram mecanismos de mercado na economia do país como meio encontrado para a elevação da produtividade agrícola, características que conformam o Período de Recuperação Econômica (1961-1965). Como mencionado acima, desde o início de 1961, as autoridades chinesas assumiram o fracasso do Grande Salto Adiante, abandonando-o, enquanto Mao se retirou temporariamente do centro da política interna do país, concentrando suas atividades nas questões relacionadas à política externa chinesa. Este movimento abriu espaço para que Liu Shaoqi, presidente do país desde 1959 em substituição a Mao – embora ele continuasse sendo a principal liderança da China –, e Deng Xiaoping, secretário-geral do PCC desde 1957, ao lado de outras importantes lideranças, se ocupassem da crise econômica interna. Estas lideranças contariam com o apoio de Zhou Enlai, então primeiro-ministro,<sup>31</sup> para a realização de importantes mudanças na esfera econômica, ao passo que Mao, envolvido nas contendas internacionais, especialmente com a União Soviética, perdeu parcialmente sua influência sobre as decisões internas do PCC, preservando, contudo, seu primado sobre as forças armadas, então comandadas por Lin Biao.

Em avaliação apresentada por Liu ao PCC realizada em 1962, as calamidades naturais não responderiam por mais do que 30% da gravíssima crise alimentar que se abateu sobre o país, cabendo aos erros humanos os outros 70%, o que exigia, em sua avaliação, a reorientação da economia chinesa.<sup>32</sup> O objetivo preponderante era a recuperação da atividade agrícola, que apenas retornaria a normalidade plena em 1966. Assim, ao longo de 1961, as 23 mil comunas existentes foram subdivididas em 70 mil, diminuindo seu tamanho médio para cerca de 15 mil residentes, de modo a facilitar o processo de organização produtiva. Além do envio de trabalhadores da cidade para o campo e do fechamento de parte da atividade fabril na zona rural, foram reintroduzidos incentivos materiais, com a possibilidade de troca de excedentes agrícolas e a reabertura de mercados locais. Esperava-se com isso estimular os produtores agrícolas por meio da permissão de que se beneficiassem diretamente dos resultados da sua produção, ao invés de cumprirem, apenas, as cotas pré-estabelecidas tal como acontecia no regime anterior. É neste contexto que Deng, ao defender a adoção de mecanismos de mercado como forma a estimular o aumento da produção de alimentos, mencionaria, em 1962, o célebre ditado de sua província natal, Sichuan, segundo o qual “não importa a cor do gato, contanto que pegue os ratos” (DENG, 1993a, p. 236). Destaca-se nesta época a figura de Chen Yun na proposição de iniciativas pró-mercado para a recuperação da produção de

---

<sup>31</sup> Zhou Enlai foi primeiro-ministro da China entre o início do regime socialista, em outubro de 1949, e sua morte, em janeiro de 1976, sendo a segunda principal autoridade do país neste período.

<sup>32</sup> BÈRGERE, 1980, p. 46.

alimentos, chamando atenção, já naquela época, para a necessidade de se combinar o planejamento estatal com instrumentos de mercado.<sup>33</sup>

Pouco a pouco, a agricultura chinesa se recuperaria, alcançando, a partir de 1966, níveis superiores aos de 1958, retomando a trajetória de crescimento da produção agrícola em compasso com o aumento populacional. Para Deng e Liu, contanto que os resultados econômicos apresentassem progresso em termos de produtividade, admitia-se o uso de mecanismos de mercado. Esta abordagem contradizia o caminho proposto por Mao, caracterizando uma das contradições fundamentais que se cristalizaria entre as lideranças do PCC durante o Período de Recuperação Econômica. De um lado, havia a facção capitaneada por Liu e Deng que preconizavam, prioritariamente, o desenvolvimento das forças produtivas, mesmo que assentada em relações mercantis, que se traduziriam, cedo ou tarde, na alienação do trabalho e no aumento da diferenciação social. De outro lado, estava a frente alinhada a Mao, que não dissociava o progresso material da necessidade de transformar as relações de produção no interior da sociedade chinesa em favor da igualdade social, na medida em que a tomada de poder pelo PCC e a estatização dos meios de produção não seriam condições suficientes para a transformação radical pretendida para a sociedade.<sup>34</sup>

Em 1964, Zhou Enlai anunciou, por ocasião do 3º Congresso Nacional do PCC, o imperativo do país buscar prioritariamente as Quatro Modernizações, nos segmentos da Agricultura, Indústria, Defesa e Ciência & Tecnologia.<sup>35</sup> Reconhecia-se a premência do país em atingir o progresso material como condição necessária não apenas para elevar o padrão de vida da população, mas, também, para garantir a própria sobrevivência do regime socialista em face da potencial ameaça representada pelo maior grau de desenvolvimento econômico e militar das nações rivais. As Quatro Modernizações seriam retomadas mais de uma década depois, constituindo-se em um dos lemas das reformas econômicas preconizadas por Deng, indicativo de que a agenda para a modernização da economia de forma a possibilitar à China equiparar-se às principais potências mundiais já se constituía em um dos elementos centrais no horizonte do PCC desde os tempos de Mao.

Sentindo a perda de espaço no PCC, Mao, ainda em 1963, chefiou o Movimento de Educação Socialista, que, apesar de contar com a participação de Liu e Deng, seria um primeiro esforço de contenção do que considerava desvirtuamento da revolução após a adoção das políticas de re-

---

<sup>33</sup> MORAIS, 2011, p. 55.

<sup>34</sup> Acerca da essencialidade, no pensamento de Mao, da transformação das relações de produção para a constituição efetiva do socialismo, ver, por exemplo, NAVES (2005).

<sup>35</sup> As Quatro Modernizações foram mencionadas, pela primeira vez, em 1963 por Zhou Enlai em uma reunião de trabalho em Xangai (HE, 2000, p. 433).

cuperação. No entanto, esta campanha não obteve resultados expressivos.<sup>36</sup> Até 1966, outras campanhas foram lançadas, sempre com o intuito de reafirmar o primado da luta de classes e evitar a restauração capitalista no país.<sup>37</sup> Em 1964 foi lançado o pequeno livro “Citações do Presidente Mao Tsé-tung”, mais conhecido como Livro Vermelho, uma compilação de trechos da obra e discursos de Mao, com o objetivo inicial de ser distribuído entre os membros do ELP.<sup>38</sup>

Também por esta época, as insígnias das fardas militares foram retiradas, como uma demonstração do compromisso do ELP com o igualitarismo, que, segundo Mao, deveria vigorar em toda a China.<sup>39</sup> Paralelamente, também em 1964, a China, por meios próprios, faz seu primeiro teste com bomba atômica, tornando público para o mundo o domínio desta tecnologia militar. Apesar da debilidade material do país em diversos segmentos, a China possuía um arsenal bélico suficientemente poderoso para dissuadir eventuais ataques externos ao seu território.<sup>40</sup>

O isolamento chinês no contexto da Guerra Fria e o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnam a partir de 1964,<sup>41</sup> levariam a China a implementar um amplo programa de construções pelo interior do país denominado Terceiro Frente.<sup>42</sup> O objetivo deste programa era criar bases produtivas em áreas remotas do país, cercadas por montanhas, de forma a tornar o fornecimento industrial, especialmente militar, ainda mais disperso pelo interior do país, uma reafirmação dos propósitos descentralizadores já presente na concepção das comunas. O Terceiro Frente alcançou êxito parcial na consecução de seus propósitos originais sendo interrompido em 1966, a partir do início da Revolução Cultural, discutida a seguir.

## **2.5 Revolução Cultural (1966-1976)**

O início da Revolução Cultural relaciona-se à opera “Hai Rui demitido do cargo”, encenada em 1961, cujo autor era historiador e então vice-prefeito de Pequim Wu Han. O enredo se passa no Período Imperial e narra trajetória de um leal mandarim que, ao optar por defender os camponeses, é penalizado por se opor aos desmandos do imperador, numa flagrante alusão à demissão de Peng Dehuai por ocasião da Conferência de Lushan, em 1959. As críticas a esta opera ganharam vulto em 1965, quando Yao Wenyuan<sup>43</sup> – jornalista e membro da seção de propaganda do Comitê Municipal de Xangai – em artigo de jornal classificou a peça como um ato de traição ao denegrir o

---

<sup>36</sup> FAIRBANK e GOLDMAN, 2006, p. 346.

<sup>37</sup> Acerca das campanhas de reeducação socialista ver, por exemplo, NABUCO (2009, pp. 7-10).

<sup>38</sup> MAO (2010).

<sup>39</sup> NABUCO, 2009, p.10.

<sup>40</sup> Em 1969, seriam realizados na China os primeiros testes com bomba de hidrogênio.

<sup>41</sup> A China não enviou tropas à Guerra do Vietnam (1955-1975), mas contribuiu com o fornecimento de armas e mantimentos para as forças comunistas do Vietnam do Norte, que estavam em conflito com o Vietnam do Sul, apoiado maciçamente pelos Estados Unidos.

<sup>42</sup> NAUGHTON, 2007, pp. 73-74.

<sup>43</sup> Yao Wenyuan, posteriormente, fará parte da chamada Gangue dos Quatro, como será discutido adiante.

pensamento e a imagem de Mao.<sup>44</sup>

Este episódio desencadeou no interior do PCC, entre o final de 1965 e começo de 1966, uma discussão polarizada acerca dos caminhos da cultura no país. De um lado, estava o Grupo dos Cinco, recém-criado por Mao, que era capitaneado por Peng Zhen, prefeito de Pequim, superior de Wu Han e próximo politicamente de Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, cuja tarefa era pensar as novas bases sobre as quais a cultura no país deveria assentar-se, embora sua posição mostrar-se-ia cautelosa sobre o ritmo das mudanças neste campo, bem como sobre o significado político da peça de Wu. De outro lado, figurava o grupo liderado pela esposa de Mao, Jiang Qing e Yao Wenyuan, que, tal como Mao, afirmava que a cultura do país havia se aburguesado, reintroduzindo no país os valores tradicionais ligados à antiga ordem social, o que obstaculizava transformações radicais no campo da cultura condizentes com o tipo de sociedade que se pretendia formar.

Os desdobramentos deste debate se materializariam na emissão pelo PCC da Circular de 16 de Maio, que dissolvia o Grupo dos Cinco, sentenciando à prisão seus membros sob a acusação de direitismo, revisionismo e obstrução das transformações culturais do país, sendo criado em seu lugar o Grupo Central da Revolução Cultural, composto por Jiang Qing, Yao Wenyuan, dentre outros membros do PCC, com o objetivo de alterar drasticamente os marcos culturais do país. Estava lançada, assim, a Grande Revolução Cultural Proletária, momento que assinala a retomada de Mao na condução interna do PCC, inaugurando um período de novas depurações dentro e fora do PCC e de amplas transformações sociais.

Desde logo, é importante ressaltar que a Revolução Cultural foi um movimento demasiadamente complexo para apresentá-lo no presente trabalho em toda a sua inteireza, cumprindo apenas assinalar suas consequências políticas mais imediatas, que respondem pela inflexão política do PCC no começo da década de 1970.<sup>45</sup> Não há consenso sobre a duração da Revolução Cultural, tendo sua fase mais aguda se estendido até abril de 1969.<sup>46</sup> Segundo John Fairbank (2006, pp. 352-354), na medida em que parte de suas atividades continuaram até a morte de Mao, em 1976, pode-se definir o intervalo entre 1966 e 1976 como aquele correspondente ao Período da Revolução Cultural, na China.

Contando neste processo com o firme apoio do ELP, a Revolução Cultural é identificada usualmente como uma manobra de Mao para retomar a condução da política interna da China, perdida após as políticas de recuperação econômica que se seguiram após o abandono do Grande Salto Adiante. Contudo, em última análise, a Revolução Cultural representou, também, um movi-

---

<sup>44</sup>SPENCE, 1990, p. 601.

<sup>45</sup> Ver, por exemplo, NAVES (2005), FAIRBANK e GOLDMAN (2006, pp. 352-371), SPENCE (1990, pp. 598-609).

<sup>46</sup> FAIRBANK; GOLDMAN, 2006. p. 262.

mento direcionado a evitar a solidificação de estruturas sociais viciadas que restaurassem a antiga ordem hierárquica e capitalista no país, problema que, segundo Mao, se insinuava, sobretudo, após as políticas de recuperação encampadas por Liu Shaoqi e Deng Xiaoping após o Grande Salto Adiante.

Como já mencionado, havia o reconhecimento por parte de Mao de que a estatização dos meios de produção e a primazia política do PCC eram elementos insuficientes para atender às aspirações socialistas presentes na Revolução Chinesa de 1949. Ao contrário, o aprofundamento das relações de produção forjadas nas comunas, sem a presença de qualquer espectro mercantil, era considerado essencial para assegurar a igualdade social, e, assim, o caráter socialista da experiência chinesa.<sup>47</sup> Por sua vez, ao lado destas práticas, deveria ocorrer o fomento a uma cultura autenticamente revolucionária, pautada em valores adequados à sociedade que se almejava construir, em oposição, portanto, à milenar herança cultural legada pelo regime anterior e presente nos interstícios da sociedade chinesa pós-revolução.

A partir da Circular de 16 de Maio, uma enorme campanha encampada por Mao tomou o país de assalto, autorizando aos estudantes criticar as hierarquias nas escolas por meio dos Dazibao, grandes cartazes nos quais eram escritos críticas às hierarquias e ao revisionismo presentes na China de então. Em seguida, teve início a campanha contra as chamadas Quatro Antiguidades (ideias, hábitos, cultura e costumes), que seriam responsáveis por bloquear as transformações sociais na China.<sup>48</sup> Deng e Liu, naquele momento autoridades centrais do PCC, tentaram conter as insurreições estudantis enviando grupos de trabalho às universidades em Pequim com o objetivo de desmobilizar os estudantes, mas, logo, se veriam hostilizados por elas. Em agosto de 1966, por ocasião da 11ª Sessão Plenária do PCC conduzida por Mao, há uma redefinição na hierarquia do PCC. Liu Shaoqi, então presidente da China, é rebaixado na hierarquia do PCC, ainda que tenha conservado seu cargo, enquanto Lin Biao, ministro da Defesa e alinhado com as diretrizes de Mao assume uma posição mais proeminente na cúpula partidária.<sup>49</sup>

Pouco tempo depois, foi aberto o alistamento para a Guarda Vermelha a ser formada por estudantes. Sua finalidade era criar um canal de comunicação direta entre Mao e os jovens de todo o país, que passaram a contar com autorização para fazer julgamentos públicos e submeter a sessões de autocrítica todos aqueles que fossem “condenados” por se mostrarem avessos aos princípios norteadores da revolução ligados ao igualitarismo e a supressão dos valores tradicionais.<sup>50</sup> Desta forma, fustigados por Mao sob o lema “aprendam sobre revolução fazendo revolução”, cer-

---

<sup>47</sup> Ver, por exemplo, NAVES (2005) e BETTELHEIM (1981).

<sup>48</sup> SPENCE, 1990, p. 606.

<sup>49</sup> FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 359.

<sup>50</sup> Idem, p. 359-361

ca de dez milhões de estudantes em todo o país se alistaram voluntariamente na Guarda Vermelha, contando com transporte ferroviário e hospedagem gratuitas, fixando-se, inicialmente, em Pequim.<sup>51</sup> São marcas iconográficas desta época os jovens chineses acenando com o Livro Vermelho nas mãos e a braçadeira vermelha, utilizada como sinal de pertencimento à Guarda.

Em 1967, Liu e Deng foram afastados definitivamente de suas funções políticas, sendo presos sob a acusação de serem os principais “defensores do capitalismo” no país.<sup>52</sup> Após sessões públicas de autocrítica, a sorte de cada um dependeu do apoio que receberam do que restou da cúpula do PCC (Mao, Zhou e Lin). Deng foi enviado para uma escola de reeducação e, posteriormente, para uma fábrica na Província de Jianxi, localizada no sudeste do país, enquanto Liu permaneceria preso, falecendo no cárcere em 1969.<sup>53</sup> Assim, enquanto o PCC progressivamente encontrava-se esvaziado de suas funções, com diversos quadros políticos presos ou afastados sob a acusação de direitismo e revisionismo, a Guarda Vermelha, o ELP e o Grupo Central da Revolução Cultural, sob o comando de Mao, projetavam-se como elementos centrais da política interna chinesa neste período.

Entre 1967 e o começo de 1968, os conflitos se generalizariam por toda a China, formando-se facções antagônicas à Guarda Vermelha, que, em alianças com forças militares regionais,<sup>54</sup> quase levaram o país a uma guerra civil. Em face dessa situação de extrema instabilidade política do país, Mao decretou a dissolução da Guarda Vermelha, em julho de 1968, ordenando que o ELP combatesse os grupos dissidentes e formasse comitês revolucionários em todas as províncias,<sup>55</sup> processo que duraria até 1969, encerrando a fase mais intensa da Revolução Cultural.<sup>56</sup>

Em abril deste ano, foi realizado o 9º Congresso do PCC, no qual se definiu uma nova constituição para o país assentada no pensamento de Mao, ficando a composição do Comitê Central do PCC a cargo principalmente de militares, cuja participação no PCC passou de 19%, em 1956, para cerca de dois terços neste momento.<sup>57</sup> Neste ínterim, Lin Biao consolidou-se dentro do PCC como principal candidato à sucessão de Mao, então com 76 anos.

Entre 1969 e 1971, preocupado com o aumento da força dos militares dentro do PCC, Mao procurou limitar esta influência, minimizando a importância de Lin Biao, que, em seguida, tornaria-se uma força rival de Mao dentro do PCC. Ao longo destes anos, Mao teceu ataques indiretos a

---

<sup>51</sup> Idem, p. 360.

<sup>52</sup> SPENCE, 1990, p. 606.

<sup>53</sup> SHAMBAUGH, 1993, p. 466.

<sup>54</sup> Quando criada, a Guarda Vermelha não estava autorizada a portar armas.

<sup>55</sup> Entre os desdobramentos de insurreições populares do período, destacamos a Comuna de Xangai, que durou menos de um mês, entre 5 e 24 de fevereiro. A este respeito, ver, por exemplo NOVAES (2005, pp. 90-92).

<sup>56</sup> Segundo Merle Goldman (2006, p. 376), em decorrência da Revolução Cultural, meio milhão de pessoas morreram ou cometeram suicídio e cerca de cem milhões foram perseguidas.

<sup>57</sup> FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 362.

Lin Biao e o afastou-o pouco a pouco do centro das decisões do PCC, buscando também enfraquecê-lo entre as facções regionais do ELP.<sup>58</sup> Crescentemente ameaçado dentro do PCC, Lin Biao tentou arquitetar um golpe de Estado que, no entanto, fracassou. Em uma suposta tentativa de fuga, Lin Biao morreu ao lado da esposa em um acidente de avião, que caiu próximo à fronteira entre a China e a Mongólia, quando rumavam supostamente para a União Soviética, acontecimento, até hoje, envolto de mistério.<sup>59</sup>

Após a morte de Lin Biao, Mao passou a atacá-lo publicamente, acusando-o de traidor e o associando-o a Confúcio, sob a alegação de que se mostrara refratário à modernização do país.<sup>60</sup> Por outro lado, quatro dos membros do já esvaziado Grupo Central da Revolução Cultural (Jiang Qing, Zhang Chunqiao, Wang Hongwen e Yao Wenyuan), formaram o que ficaria conhecido posteriormente como a Gangue dos Quatro. Defensora dos princípios defendidos por Mao no auge da Revolução Cultural e opositora às posições consideradas contrarrevolucionárias, notadamente às práticas mercantis do período de Recuperação Econômica, a Gangue dos Quatro, atuante, especialmente, na cidade de Xangai, teria presença marcante nos meios de comunicação chineses até 1978.

No que diz respeito à política externa, desde o rompimento com a União Soviética, em 1964, a China estava isolada, não obtendo maiores progressos na articulação de uma frente unida com os demais países não-alinhados. Em pleno curso da Revolução Cultural, a disputa na fronteira entre China e União Soviética, que tivera início na região da Manchúria, estendeu-se, a partir de 1968, para a fronteira soviética com a Província de Xinjiang, no noroeste da China, o que levou ao envio de grandes efetivos militares de parte a parte para a região.<sup>61</sup> O antagonismo sino-soviético, abriu espaço, contudo, para uma aproximação entre os Estados Unidos e a China, num movimento que teria consequências de longo alcance sobre os rumos do país e da Guerra Fria.

A estratégia norte-americana de contenção da União Soviética tornava oportuna a reconciliação com os chineses naquele momento.<sup>62</sup> Em abril de 1971, após contatos preliminares entre Zhou Enlai e Henry Kissinger<sup>63</sup> – então conselheiro de Segurança Nacional do presidente Richard Nixon (1969-1974) –, foi retirado o embargo comercial sobre a China. Em outubro, o país ingressaria na ONU em substituição a Taiwan, assumindo o assento de segurança destinado aos chineses, sendo anunciado posteriormente o encontro oficial entre as autoridades chinesas e norte-

---

<sup>58</sup> Idem, p. 367.

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> SPENCE, 1990, p. 622.

<sup>61</sup> Idem, pp. 615-616.

<sup>62</sup> Para uma análise da perspectiva norte-americana a respeito da aproximação entre China e Estados Unidos, ver, por exemplo, KISSINGER (2012).

<sup>63</sup> Henry Kissinger foi secretário de Estado dos Estados Unidos entre 1973 e 1977 e conselheiro nacional de Segurança entre 1969 e 1975.



americanas. Em fevereiro de 1972, Nixon e sua comitiva oficial capitaneada por Henry Kissinger visitaram a China. Ao final desta visita, os dois países assinaram o Comunicado de Xangai, no qual se firmava o compromisso com o reestabelecimento das relações diplomáticas formais entre a China e os Estados Unidos e a oposição de ambos à busca pela hegemonia por parte de qualquer país na Ásia. Em seguida, ainda 1972, outras nações seguiriam o mesmo caminho adotado pelos norte-americanos, retomando relações diplomáticas com a China, tal como a Alemanha Ocidental, Inglaterra e Japão. Não obstante, cumpre assinalar que apenas em dezembro de 1978, os Estados Unidos estabeleceriam, oficialmente, relações diplomáticas com a China, mantendo, todavia, em Taiwan, enorme contingente militar, presente até os dias de hoje.

Se no âmbito externo, o começo da década de 1970 marcou o rompimento do isolamento internacional chinês, internamente, emergiu no seio do PCC uma nova correlação de forças, precipitando as bases para ulterior mudança na condução da política interna do país. Em 1973, o estado de saúde das principais lideranças chinesas, Mao Tsé-tung, com 80 anos, e Zhou Enlai, com 74 anos, piorou sensivelmente, com Zhou tendo sido diagnosticado com câncer um ano antes.<sup>64</sup> Por outro lado, as principais lideranças históricas remanescentes da Longa Marcha encontravam-se, em sua maioria, mortas, presas ou afastadas do PCC.

Foi neste momento que Mao, atendendo aos apelos de Zhou,<sup>65</sup> reabilitou Deng Xiaoping, que passou a atuar ao lado de Zhou em suas tarefas diplomáticas e na tentativa de reorganizar os órgãos de planejamento central da China.<sup>66</sup> Em 1974, Deng foi escalado por Mao para substituir Zhou como principal interlocutor com os Estados Unidos, e, nos anos seguintes, foi investido dos cargos de chefe do ELP e vice-primeiro-ministro.<sup>67</sup>

Destaca-se que, entre 1974 e 1975, as relações entre Zhou e Mao se deterioraram sensivelmente.<sup>68</sup> Kissinger, em seu livro “Sobre a China” (2012, pp. 294-299), sugere que as desavenças entre os dois tiveram origem, especialmente, nos distintos posicionamentos relacionados à aproximação da China com os EUA. Ao passo que Mao considerava esta aproximação um movimento tático, algo passageiro, Zhou, por sua vez, vislumbrava uma relação duradoura com os norte-americanos, essencial para o desenvolvimento futuro do país.

Por sua vez, Deng firmara por esta época importantes vínculos com o ELP que, desde a morte de Lin Biao, encontrava-se desarticulado, com as lideranças das forças armadas sequiosas

---

<sup>64</sup> CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 581.

<sup>65</sup> SHAMBAUGH, 1993, pp. 466-467.

<sup>66</sup> BÉRGERE, 1980, p. 50.

<sup>67</sup> FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 370.

<sup>68</sup> Ver, por exemplo, CHANG e HALLIDAY (2012, pp. 581-587).

por um projeto modernizador.<sup>69</sup> Esta proximidade será essencial para a resiliência posterior de Deng frente às eventuais tentativas de ser deposto por seus rivais dentro do PCC e, assim, por em prática sua estratégia para a China.

Cada vez mais debilitado, Mao permaneceria como o árbitro no interior do PCC da disputa entre, a Gangue dos Quatro e Zhou Enlai e Deng Xiaoping, num embate cujas raízes remontam aos anos posteriores ao ocaso do Grande Salto Adiante. Enquanto a Gangue dos Quatro, que tivera papel destacado na Revolução Cultural, definia a luta de classes e o igualitarismo como elementos centrais em sua estratégia para o país, Zhou e Deng tinham como centro de suas preocupações o desenvolvimento das forças produtivas da China, no entender deles cada vez mais atrasadas em relação às principais potências industriais, admitindo a adoção de mecanismos de mercado e tudo o mais que se mostrasse pertinente a este objetivo. Este antagonismo estendia-se, também, à política externa chinesa, com a Gangue dos Quatro assumindo uma postura irreduzível de oposição à aproximação com o bloco capitalista ocidental, enquanto Zhou e Deng a entendiam como indispensável para a modernização do país.

Em janeiro de 1975, num dos últimos atos públicos antes da sua morte, Zhou, ao lado de Deng, proferiu um discurso em que retomou, novamente, a necessidade da China priorizar as Quatro Modernizações.<sup>70</sup> Reafirmava-se o compromisso com o progresso material, com Zhou sentenciando que, no caso do país lograr êxito na consecução das modernizações, a China se tornaria uma das mais importantes economias do mundo ainda no final do século XX.<sup>71</sup>

Em decorrência das complicações do câncer que contraíra quatro anos antes, Zhou faleceu em 8 de janeiro de 1976. Foi concedido a Zhou um funeral discreto, sem a presença de Mao, sob a alegação de estar doente. Jonathan Spence (1990, pp. 645-646) observa que Mao recebera o presidente de São Tomé e Príncipe apenas duas semanas antes do funeral de Zhou, o que indicaria que tal atitude deveu-se mais a cisão política entre ambos do que, exatamente, a problemas de saúde de Mao, tendo-se em vista o fato de que Zhou fora a segunda principal liderança da RPC desde sua fundação. Em 15 de janeiro, coube ao então vice-primeiro-ministro, Deng, fazer o discurso no funeral de Estado de Zhou, no qual elogiou a trajetória e a postura austera e leal do finado líder chinês enquanto alto dirigente do PCC, num gesto que demarcava nitidamente a cisão dentro do PCC, uma vez que tanto Deng como Zhou, ambos do mesmo lado, vinham sendo alvo de recorrentes críticas da Gangue dos Quatros, sempre sob a acusação de restauradores do capitalismo no

---

<sup>69</sup> Ver, por exemplo, MARTI (2007) e SPENCE (2010, p. 653).

<sup>70</sup> SHAMBAUGH, 1993, p. 467.

<sup>71</sup> KISSINGER, 2012, pp. 298-299.

país.<sup>72</sup>

Hua Guofeng, até aquele momento uma figura pouca expressiva no PCC, foi investido por Mao do cargo de primeiro-ministro após a morte de Zhou. No dia 4 abril de 1976, data em que os chineses homenageiam seus mortos, foi realizado um amplo cortejo em memória de Zhou, com cerca de cem mil pessoas comparecendo à Praça da Paz Celestial em Pequim para deixar flores em homenagem póstuma ao falecido líder chinês, descumprindo a regra recém-estabelecida que banira qualquer tipo de luto nos logradouros públicos do país.<sup>73</sup> A remoção das homenagens desencadeou um conflito aberto na praça entre policiais e população, que ficaria conhecido como o “Incidente em Tiananmen”.<sup>74</sup> Suprimido o ato público, Deng foi acusado de incitar a manifestação, o que resultou, novamente, na remoção de seus cargos e na sua prisão. Contudo, desta vez, Deng contaria com prisão domiciliar, dado seu grande prestígio junto às forças armadas, cada vez mais próximas de seu projeto político para a China.<sup>75</sup>

Em julho de 1976 ocorreu o grande terremoto de Tangshan, a leste de Pequim, impactando fortemente o país, levando a morte cerca de 250 mil pessoas e o ferimento de outras 160 mil.<sup>76</sup> Pouco tempo depois, em 9 setembro, Mao, há muito adoentado, faleceu, legando sua sucessão a Hua Guofeng, o que iniciaria um período de transição para as grandes transformações que ocorreriam na China a partir do final da década de 1970.

## **2.6 A Sucessão Política de Mao (1976-1978)**

Entre a morte de Mao e a 3ª Plenária do 11º Congresso do Partido Comunista da China, em dezembro de 1978, quando Deng projeta-se como principal liderança do PCC, conforma-se o Período da Sucessão Política de Mao. Neste curto intervalo, Hua Guofeng foi a principal autoridade política da China, assumindo, simultaneamente, os cargos de presidente, primeiro-ministro, presidente do Comitê Central do PCC e da Comissão Militar, controlando, portanto, os três alicerces políticos do país, o PCC, o Estado e o Exército.<sup>77</sup> Uma das primeiras medidas de Hua ao assumir o comando do país foi ordenar a prisão da Gangue dos Quatro, que, mais tarde, seus membros seriam levados a julgamento sob a acusação de uma pletera de crimes políticos cometidos ao longo da

---

<sup>72</sup> Idem, p. 647.

<sup>73</sup> FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, pp. 370-371.

<sup>74</sup> Idem, p. 648. “Praça da Paz Celestial” corresponde à tradução de Tiananmen, grafia em chinês no sistema Pinyin.

<sup>75</sup> CHANG; HALLIDAY, 2012, pp. 606-610.

<sup>76</sup> SPENCE, 1990, p. 649. Acerca do terremoto de Tangshan, Fairbank (2006, p. 271) observa que “Todo o camponês [chinês] acreditava na relação umbilical entre o homem e a natureza e, portanto, nas relações entre os desastres naturais e as calamidades humanas. Depois desse presságio tão aterrorizante, só outra calamidade poderia acontecer: a morte de Mao”.

<sup>77</sup> Idem, p. 652. Por esta época, em junho de 1977, o cartunista brasileiro Henfil visitou a China, tendo relatado vivamente esta experiência no livro, “Henfil na China (antes da Coca-Cola)”, publicado em 1980.

Revolução Cultural.<sup>78</sup> Segundo Jonathan Spence (1990, p. 651), esta atitude deveu-se menos à astúcia política de Hua e mais à pressão do alto comando militar de Pequim, o que, de qualquer maneira, contribuiu para assegurar sua liderança à frente do PCC naquele momento.

No começo de 1977, Hua anunciou o que ficaria conhecido como a política dos “Dois Quaisquer”, segundo a qual o PCC defenderia resolutamente quaisquer decisões políticas tomadas por Mao e manteria quaisquer instruções deixadas por ele, sendo estas as diretrizes que o país deveria seguir a partir de então.<sup>79</sup> Por sua vez, em julho de 1977, no 10º Congresso do PCC, contando com o apoio de importantes facções do ELP e do PCC,<sup>80</sup> Deng, à época com 73 anos foi, novamente, reabilitado politicamente, o que provocaria o precoce eclipse de Hua dentro do Partido. Neste mesmo congresso, Deng voltou a fazer parte do Comitê Permanente do Politburo – que, após a morte de Mao, este Comitê tornar-se-ia novamente um importante espaço decisório dentro do PCC –, e recuperou os cargos políticos que exercera antes de seu afastamento, em 1976.<sup>81</sup>

Desde o seu retorno, Deng manifestou-se contrário à política dos “Dois Quaisquer”. Para o líder chinês, a China estava progressivamente atrasada economicamente em relação às principais potências industriais o que poderia colocar em risco a própria manutenção do regime. Desta forma, ele apontava a urgência de mudanças amplas na condução do país capazes de promover rapidamente a renda *per capita*, a capacitação tecnologicamente o país e a integração cuidadosa à economia mundial, o que exigiria alterações agudas na organização do sistema econômico do país e, desta forma, o abandono, ao menos em parte, das diretrizes legadas por Mao. Por outro lado, Deng defendeu a necessidade de fortalecimento da autoridade central do PCC, cujo monopólio político, segundo ele, seria, ao lado da primazia estatal dos meios de produção, os elementos centrais na garantia da natureza socialista da organização social da China, suficientemente capazes de assegurar a prevalência dos interesses da classe trabalhadora sobre os rumos do país.<sup>82</sup>

O posicionamento de Deng contradizia a visão de Mao, para quem o caráter socialista da sociedade chinesa dependia, essencialmente, do tipo de relações de produção sob os quais se organizava o sistema produtivo. Novamente, estava aberta a disputa no PCC entre dois projetos para o país: de um lado, figurava a ruptura proposta por Deng, que se traduzia na defesa intransigente do

---

<sup>78</sup> Idem, pp. 650-651. O julgamento dos membros da Gangue dos Quatro ocorreu em 1981, com Jiang Qing e Zhang Chunqiao recebendo a pena capital, posteriormente, comutada em prisão perpétua, enquanto Wang Honwen e Yao Wenyuan foram condenados a 20 anos de prisão. Apoiadores da Gangue dos Quatro também foram presos. Hoje, todos os membros da Gangue dos Quatro se encontram falecidos: Jiang, em 1991, Wang, em 1992, Zhang e Yao, em 2005.

<sup>79</sup> KISSINGER, 2012, pp. 321-322.

<sup>80</sup> SPENCE, 1990, p. 653.

<sup>81</sup> MARTI, 2007, pp. 1-4.

<sup>82</sup> Ver, por exemplo, DENG (1993b, p. 89), “Reform is the only way for China to develop its productive forces”, 28 de Agosto de 1985.

desenvolvimento das forças produtivas, objetivo a partir do qual todas as demais ações do Partido deveriam se submeter, o que abria espaço para a restauração de relações de produção tipicamente capitalistas, tais como, por exemplo, a venda de excedentes agrícolas no mercado ou a privatização de parte do sistema produtivo; e, de outro lado, a continuidade representada por Hua, que passava por preservar as relações de produção herdadas do Período Maoísta, cristalizadas no sistema de comunas e na economia centralmente planejada, ainda que em prejuízo da modernização econômica do país.

Como reflexo da ambiguidade entre os posicionamentos de Hua e Deng, até o final de 1978, não houve consenso no interior do PCC sobre uma série de questões relacionadas ao futuro da China, sobretudo no que diz respeito à política externa e a condução da economia.<sup>83</sup> Contudo, em termos de apoio política, a superioridade de Deng sobre Hua era evidente. Pouco a pouco, diversas lideranças expurgadas do PCC durante a Revolução Cultural voltaram à cena política chinesa, com destaque para Chen Yun, além da reabilitação póstuma de importantes figuras políticas que haviam falecido no ostracismo, o que fortaleceria a posição de Deng dentro do PCC.<sup>84</sup>

Em dezembro de 1978, por ocasião da 3ª Plenária do 11º Congresso do PCC, Deng conseguiria reunir o apoio necessário para fazer o anúncio de uma inflexão de grandes proporções no interior do Partido de forma a retomar as Quatro Modernizações e, assim, alçar a posição de tarefa prioritária o desenvolvimento das forças produtivas, o que se traduziria em diversas iniciativas que se distanciavam da continuidade proposta por Hua. Assim, a partir daquele momento, Deng assumiu definitivamente a condição de principal artífice da política chinesa, dando início às chamadas Reformas Econômicas, que começariam justamente pelo campo, com a supressão das comunas e introdução no seu lugar do sistema de responsabilidade familiar, no qual os excedentes agrícolas poderiam ser vendidos livremente no mercado.<sup>85</sup> Desde então, gradualmente, uma série de medidas seriam tomadas de forma a erodir a economia centralmente planejada herdada do Período Maoísta ao passo em que eram adotados mecanismos de mercado e o país se incorporaria, seletivamente, à economia internacional, embora, neste processo, tenha sido preservada uma participação substantiva do Estado na economia chinesa, característica presente até os dias de hoje.

### **3. Transformações estruturais da economia chinesa durante o Período Maoísta (1949-1978)**

Ao analisarmos as estatísticas existentes para o ano de 1952 apresentadas por Angus Maddison (2007), o primeiro ano da série de dados disponível para China após o advento do comunis-

---

<sup>83</sup> KISSINGER, 2011, pp. 322-332.

<sup>84</sup> Liu Shaoqi e Peng Dehuai foram reabilitados postumamente em 1969 e em 1974, respectivamente, de forma que ambos foram contemplados com funeral de Estado no começo da década de 1980.

<sup>85</sup> Para um exame abrangente do sistema de responsabilidade familiar, ver, por exemplo, MORAES (2011, pp. 78-89).

mo no país, o declínio econômico chinês durante o “Século da Humilhação” em contraposição aos países industrializados, incluindo a União Soviética, é inequívoco. Em primeiro lugar, destaca-se a perda de posição econômica da China ao longo do século XIX e primeira metade do século XX. Enquanto em 1820 a China respondia por 32,9% do PIB mundial, em 1952, esta participação caíra para apenas 5,2%. Por sua vez, naquele ano os Estados Unidos detinham 27,5% do PIB mundial, enquanto a Europa, 29,3%, a União Soviética 9,2% e o Japão, 3,4%.<sup>86</sup> Entre 1820 e 1952, a renda *per capita* chinesa, em termos absolutos, caiu em 12%, ao passo que no Japão, partindo de um nível próximo ao chinês em 1820, verificou-se um aumento de 250%.<sup>87</sup> Estes números são indicativos do enfraquecimento da economia chinesa em relação aos países industrializados entre 1820 e 1952, especialmente tendo-se em vista a situação que a China desfrutava no começo do século XIX.

O final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, assinalou o encerramento definitivo da presença estrangeira no país – exceto em Hong Kong e Macao, reintegradas ao território chinês apenas na segunda metade da década de 1990. Por sua vez, o triunfo da Revolução Chinesa conduzida pelo PCC em 1949 levou a criação da RPC, embora o governo nacionalista tenha conseguido dar continuidade a República da China, na ilha de Taiwan, que se manteve como um Estado Nacional independente até os dias de hoje. Desde sua fundação, o poder político da RPC esteve concentrado nas mãos do PCC, que, ao controlar o Estado chinês, se sobrepôs aos senhores da terra, à incipiente burguesia nacional e aos interesses internacionais remanescentes do pós-Segunda Guerra Mundial, especialmente, na Manchúria e cidades portuárias, internalizando, definitivamente, os centros políticos de decisão no país. Por outro lado, entre 1949 e 1978, a China conseguiu dominar tecnologias militares estratégicas, como a bomba atômica e a bomba de hidrogênio, preservando sua integridade territorial por todo o período.

Em relação ao período anterior a Revolução Chinesa, o avanço econômico chinês durante o Período Maoísta é inequívoco. Neste dado período, a China cresceu a uma taxa anual média de 4,4% a.a., muito superior ao verificado entre 1820 e 1952, quando esta taxa foi de 0,22% a.a..<sup>88</sup> Entretanto, apesar do PIB chinês triplicar entre 1952 e 1978, em termos internacionais, sua participação na economia mundial, manteve-se em torno de 5%. Por outro lado, se, entre 1700 e 1820, o PIB *per capita* chinês permaneceu essencialmente o mesmo e, entre 1820 e 1952, declinou a uma taxa anual média de 0,1% a.a., no período posterior, entre 1952 e 1978 esta tendência foi invertida, com a taxa anual média de crescimento sendo de 2,33 a.a., contudo, abaixo da média

---

<sup>86</sup> MADDISON, 2007, p. 44.

<sup>87</sup> Ibidem. Medidos em dólares internacionais de 1990.

<sup>88</sup> Idem, p. 44.

mundial neste período, de 2,62% a.a..<sup>89</sup>

Por seu turno, a estatização dos meios de produção e a planificação da economia alcançaram importantes avanços na industrialização pesada e na infraestrutura (com a duplicação das ferrovias e da área irrigada).<sup>90</sup> Entre 1952 e 1978, o setor secundário aumentou sua participação no PIB de 10 para 36,8%, enquanto o setor primário caiu de 59,7 para 34,4%, no mesmo período.<sup>91</sup> Por outro lado, a população rural manteve-se estável, próxima a 80%, o que sinaliza a importância da industrialização realizada nas comunas. Assim, em 1978, a China caracterizava-se por ser um país significativamente industrializado, embora não urbanizado.

No que diz respeito às contas externas, observa-se que houve um pequeno aumento do comércio exterior chinês, sobretudo, até a década de 1960, momento a partir do qual o país se encontrou praticamente isolado internacionalmente, fruto não apenas da estratégia de autossuficiência, mas, fundamentalmente, devido aos embargos comerciais impostos ao país até a década de 1970.<sup>92</sup>

Demograficamente, a China cresceu rapidamente ao longo do Período Maoísta. Enquanto entre 1820 e 1948, a população chinesa crescera 49%, apenas nos 26 anos decorridos entre 1952 e 1978, o país passou de 569 milhões de habitantes para 956 milhões, um aumento de 68%.<sup>93</sup> Este extraordinário aumento populacional levaria as autoridades chinesas, já em 1972, a adotarem um conjunto de medidas com o objetivo de controlar a natalidade, sendo sancionada em 1978 a política de filho único – política que vem sendo flexibilizada nos últimos anos.<sup>94</sup> O acentuado aumento populacional relaciona-se ao fim dos conflitos armados – em que pese o extraordinário número de óbitos relacionados ao Grande Salto Adiante – e às melhorias verificadas na saúde básica, que redundaram numa sensível diminuição da taxa de mortalidade infantil, que caiu de 37 para 18,2 mortes a cada cem mil recém-nascidos, bem como no aumento da expectativa de vida de 38 para 64 anos.<sup>95</sup> Paralelamente, houve um aumento expressivo da escolaridade da população chinesa medido pela média dos anos dedicados ao ensino entre pessoas com mais de 15 anos, aumentando de 1,7, em 1952, para 5,33, em 1978.<sup>96</sup>

A extensão dos serviços básicos de saúde e educação e da reforma agrária no campo – sucedida pela coletivização – foi acompanhada pelo pleno emprego, generalizando-se condições mínimas de vida no país. Do ponto de vista da igualdade social, o Período Maoísta vivenciou uma das menores desigualdades de renda do mundo, apesar da substantiva manutenção da desigualdade

---

<sup>89</sup> Ibidem.

<sup>90</sup> MADDISON, 2007, pp. 56 e 113.

<sup>91</sup> Idem, p. 70

<sup>92</sup> Idem, pp. 84-89.

<sup>93</sup> Ibidem.

<sup>94</sup> Sobre a política de filho único na China, ver NAUGHTON (2007, pp. 161-178).

<sup>95</sup> MADDISON, 2007, p. 65.

<sup>96</sup> Ibidem.

entre campo e cidade.<sup>97</sup> Os controles migratórios eram altamente estritos, mas não policiais, uma vez que eram realizados por meio do sistema de registro de domicílio denominado *hukou*, o que assegurava ao cidadão chinês acesso aos serviços sociais básicos, tais como emprego, moradia, saúde e educação, apenas em seu local de origem.<sup>98</sup> Tal sistema se perpetuou após 1978, sofrendo importantes modificações, o que ajuda a explicar o movimento migratório que vem ocorrendo desde então na China em direção às cidades.<sup>99</sup>

Acerca das principais dificuldades do Período Maoísta, além daquelas relacionadas à própria implementação de uma nova ordem social que almejava superar as contradições de classe e tradições hierárquicas milenares, em um país cuja base econômica era extremamente atrasada em face às potências capitalistas, destaca-se um aspecto em particular, qual seja, a estagnação da produtividade agrícola. Entre 1952-78, enquanto a produtividade do setor secundário (industrial e construção civil) se acelerou, crescendo a uma taxa anual média de 3,7% a.a., a produtividade agrícola manteve-se praticamente estagnada, crescendo a uma taxa média de 0,17% a.a.,<sup>100</sup> preservando-se, grosso modo, o nível da produção de alimentos *per capita* herdada do período anterior a 1949.<sup>101</sup> Somente após o início das Reformas Econômicas levadas a cabo a partir do final de 1978, e que culminaram na descoletivização da terra e a instauração do sistema de responsabilidade familiar, é que a produtividade agrícola se acelerou, crescendo a uma taxa anual média de 3,99% a.a. até 2003, elevando, assim, sensivelmente a produção de alimentos *per capita* no país, o que suscita questões importantes acerca das consequências da coletivização sobre a produtividade agrícola.

Morais (2011, pp. 45-48) observa que a ausência de estímulos materiais parece ter tido maior impacto sobre a atividade agrícola do que sobre a industrial, na medida em que enquanto o camponês, sobretudo no caso de uma agricultura intensiva em trabalho como a chinesa, tem maior controle sobre o ritmo da produção, no processo fabril, é o ritmo das máquinas que condiciona a execução do trabalho. Os incentivos de ordem moral preconizados por Mao deveriam cumprir o papel de estimular a produção agrícola, uma vez que os estímulos de mercado, expressos na apropriação privada dos resultados da produção, eram entendidos como incompatíveis com o igualitarismo e o novo tipo de sociedade almejada.<sup>102</sup> Complementarmente, Moraes (2011, p. 47) indica como outro possível fator explicativo para a estagnação da produtividade agrícola a perda de autonomia produtiva do camponês já que, após o processo de coletivização, as metas quantitativas e as

---

<sup>97</sup> Sobre a desigualdade no Período Maoísta, ver MORAIS (2011, pp. 48-53).

<sup>98</sup> Importante registrar o envio de catorze milhões de jovens urbanos para os campos sob o pretexto de reeducá-los, algo que ocorreu, especialmente, no período da Revolução Cultural (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 371).

<sup>99</sup> MORAIS, 2011, p. 135.

<sup>100</sup> MADDISON, 2007, p. 70.

<sup>101</sup> MORAIS, pp. 44-49.

<sup>102</sup> Idem, p. 47.



culturas a serem desenvolvidas eram definidas pelos organismos de planejamento central.<sup>103</sup> De qualquer forma, a rigidez da oferta agrícola constituiu-se em um dos principais entraves para uma expansão ainda maior da economia chinesa no Período Maoísta, o que ajuda a explicar porque as Reformas Econômicas tenham se iniciado justamente pelo campo.

#### **4. Considerações Finais**

O presente artigo procurou recuperar a evolução econômica e política da China durante o Período Maoísta de sorte a discutir, ainda que de forma sucinta e superficial, o sentido mais geral das transformações que ocorreram no país ao longo destes anos. Como discutido, a Revolução Chinesa de 1949 não trouxe apenas a promessa de uma ordem social igualitária, capaz de enterrar as estruturas sociais tradicionais hierárquicas herdadas, mas, também, o compromisso com o progresso econômico e com a afirmação da soberania do país na ordem internacional que se configurou após o final da Segunda Guerra Mundial. Entre 1949 e 1978, ao passo que a RPC preservou sua base territorial e apresentou notáveis progressos na área econômica e militar em relação ao passado pregresso, aprofundou-se a distância produtiva e tecnológica do país em relação aos principais potências industriais.

Por outro lado, a gravíssima crise alimentar que se abateu sobre a China no período do Grande Salto Adiante marca o rompimento do consenso político no interior da cúpula do PCC em torno do projeto arquiteto por Mao para o país. Desta forma, foi destacada a tensão existente entre as principais lideranças do PCC sobre como o país deveria buscar o desenvolvimento das forças produtivas. Simplificadamente, Mao defendera a subordinação do progresso material a novas formas de organização do processo produtivo, que extinguissem as hierarquias sociais vigentes no período pré-revolucionário, estratégia consubstanciadas nas comunas. Por outro lado, Deng Xiaoping e Liu Shaoqi, desde o Período de Recuperação Econômica, apontavam que a prioridade deveria ser o desenvolvimento das forças produtivas independentemente das relações de produção adotadas, abrindo espaço para a introdução de práticas identificadas com o capitalismo no país, tais como a produção voltada ao mercado e a diferenciação social.

A deflagração da Revolução Cultural, a partir de 1966, marca o auge desta tensão, em que Deng e Liu foram destituídos das suas funções políticas e Mao, reposicionado como líder incontestado do país, determinou a estratégia conduzida pelo país. Após o término do período mais agudo de conflitos sociais, o país retomaria a normalidade do quadro econômico e social assentado nas comunas. Externamente, contudo, no marco da Guerra Fria do cisma sino-soviético, a aproxima-

---

<sup>103</sup> Ibidem.

ção entre a China e os EUA, iniciada em 1971, abriria um flanco para as amplas transformações que se sucederiam no país. A morte das principais lideranças políticas do país, Zhou Enlai e Mao, em 1976, foi a condição política necessária para Deng, reabilitado desde 1973, pouco a pouco se projetasse como a figura mais importante da política chinesa. Contando com o apoio de importantes segmentos das ELP, o triunfo do projeto proposto por Deng, a partir de 1978, deixará de lado as iniciativas de transformação das relações de produção em nome do rápido desenvolvimento das forças produtivas.

Assim, sob a alegação de que o país estava crescentemente defasado economicamente em relação às principais potências, Deng conduzirá a China para outro caminho. Assumindo que tanto o monopólio político exercido pelo PCC como a predominância estatal dos meios de produção seriam condições suficientes para assegurar o caráter socialista do regime chinês, o igualitarismo e a luta de classes travada no interior da sociedade chinesa contra os elementos reacionários remanescentes deram lugar à busca prioritária da ordem política interna e da elevação do padrão material do país, plasmadas nas chamadas Reformas Econômicas. Não apenas chegaria ao fim o sistema de comunas como também, paulatinamente, seriam introduzidas relações de produção mercantis em substituição à economia centralmente planejada, processo acompanhado pela gradual e seletiva inserção externa da economia chinesa.<sup>104</sup> Não mais importaria a cor do gato (relações de produção) contanto que este pegasse os ratos (desenvolvesse as forças produtivas).

---

<sup>104</sup> O projeto reformista conduzido por Deng, tanto pelos fins quanto pelos meios adotados, será identificado por diversos autores como a restauração do capitalismo na China. A este respeito, ver, por exemplo, BETTELHEIM (1981) e NAVES (2005).

## Referências Bibliográficas

- BÈRGERE, Marie-Claire. *A Economia da China Popular*. Trad. Waltensir Dutra, Rio de Janeiro, Zahr Editores, 1980.
- BETTELHEIM, Charles. *A China Depois de Mao*. Lisboa, Edições 70, 1981.
- CARVALHO, Miguel Henriques de. 2013. *A Economia Política do Sistema Financeiro Chinês (1978-2008)*. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.
- CHANG, Jung; HALLIDAY, Jon. *Mao: a história desconhecida*. Trad. Pedro Maia Soares, 2 Ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- DENG X. *Selected works* (Vol. I, 1938-1965). Beijing: People's Press, 1993a.
- \_\_\_\_\_. *Selected works* (Vol. III, 1982-1992). Beijing: People's Press, 1993b.
- FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China: uma nova história*. Trad. Marisa Motta, Porto Alegre, LP&M, 2006.
- HE, Henry Yuhuai. *Dictionary of the Political Thought of the People's Republic of China* (Studies on Contemporary China), M E Sharpe Inc, 2000.
- KISSINGER, Henry. *Sobre a China*. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012.
- LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira. 2010. *O Padrão de Acumulação e o Desenvolvimento Econômico da China nas Últimas Três Décadas: Uma Interpretação*. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Universidade Estadual de Campinas.
- MADDISON, Angus. *Chinese Economic Performance in the Long Run: 960-2030 AD*. Paris: OECD, 2007.
- MARTI, Michael E. *A China de Deng Xiaoping*. Trad. Antonio Sepúlveda, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- MEDEIROS, Carlos Aguiar. “China: entre os séculos XX e XXI”. In: FIORI, José. Luís. (org.) *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis, Editora Vozes, 1999.
- MORAIS, Isabela Nogueira de. 2011. *Desenvolvimento Econômico, Distribuição de Renda e Pobreza na China Contemporânea*. Tese – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- NABUCO, Paula. “Do Grande Salto à ‘Desmaoização’: 20 anos de história chinesa”. In: *XIV Encontro Nacional de Economia Política*, 2009, São Paulo. Anais XIV Encontro Nacional de Economia Política, 2009.
- NAUGHTON, Barry. *The Chinese Economy: transitions and growth*. Cambridge, MA: MIT Press, 2007.
- NAVES, Márcio. *Mao – o processo da revolução*. São Paulo, Brasiliense, 2005.
- REZZAGHI, Mariana Delgado Barbieri. 2009. *A Educação no período de Transição Socialista: a experiência chinesa da Revolução Cultural e as mudanças no ensino e nas relações de produção*. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas.
- SHAMBAUG, David. “Deng Xiaoping: The Politician”. *The China Quarterly*, nº 135, Special Issue: Deng Xiaoping: An Assessment, Sep., 1993, pp. 457-290.
- SPENCE, Jonathan. *The Search for Modern China*. Nova Iorque, W. W. Norton and Company, 1990.